

AA. VV. – *Atas do Ciclo de Conferências do Palácio Nacional de Mafra na comemoração do tricentenário do lançamento da primeira pedra da Basílica de Mafra (1717-2017)*. Irina Alexandra Lopes (coord. ed.). Mafra: Câmara Municipal de Mafra, 2019. 460 p.

Obra de referência, do ponto de vista gráfico e de conteúdo, as atas do tricentenário do Real Edifício de Mafra são o resultado do ciclo de conferências do Palácio Nacional de Mafra que teve lugar durante o ano de 2017. Reunindo técnicos, investigadores e especialistas nacionais e estrangeiros de várias áreas do conhecimento humano, o Real Edifício de Mafra – no seu conjunto formado por palácio, basílica, convento, jardim do cerco e tapada – foi abordado em diversas perspetivas, enquanto aglutinador de influências e transmissor de saberes.

Ao longo de seis conferências foram debatidos e analisados vários temas, em concreto:

- na Conferência de 18 de março – as cerimónias da quaresma em mafra que albergam quatro procissões com ligações estreitas ao período de construção da Basílica de Mafra;
- na Conferência de 20 e 21 de março – o enfoque foi dado aos aspetos da conservação e do restauro, nomeadamente a questão das pestes e da problemática dos têxteis;
- na Conferência de 22 e 23 de junho – foi debatido o tema dos palácios como espaços de poder, desde o paço mais a norte – dos Duques de Bragança, em Guimarães - ao mais a sul – a Casa da Casa de Bragança em Vila Viçosa, passando pelos Paços e Palácios de Sintra, Bemposta, Queluz, pela Cidadela de Cascais e, inevitavelmente, pelo Paço Real de Mafra (incluindo o seu museu e a visão militar sobre o Convento de Mafra);
- na Conferência de 29 de setembro – a atenção dirigiu-se para as artes plásticas, decorativas e a música, especialmente para a extraordinária coleção de paramentos joaninos da Real Basílica de Mafra, as pinturas da sagrada família, as pratas romanas de mafra e os livros de cantochão do Convento e Basílica de Mafra;
- na Conferência de 9 de novembro – o tema centrou-se em torno do Monumento de Mafra, seus contextos arqueológicos, no processo de aquisição dos terrenos para a construção da Real Obra e na complexidade e genialidade do seu sistema hidráulico, à superfície e no subsolo, uma autêntica cidade subterrânea;
- por fim, na Conferência de 17 de novembro – foi dada a palavra à arte maior da arquitetura, destacando-se os valiosos contributos de investigadores estrangeiros, nomeadamente Andrea Merlotti, Guiseppina Raggi e José Joaquín Parra Bañón.

Nesse sentido, as atas não são apenas testemunho do conjunto de atividades que deram corpo às comemorações do tricentenário do Real Edifício de Mafra, como, e acima de tudo,

apanágio único da escrita, o meio de eleição para perpetuar na memória coletiva o conhecimento que daí resultou.